



A DRAMATURGIA COMO PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NO PROJETO DE PESQUISA SOBRE A DITADURA LATINO-AMERICANA

MAIARA SILVEIRA DE OLIVEIRA¹; MARINA DE OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – maiarasilvo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de reflexões evocadas no projeto de pesquisa do curso de licenciatura em teatro, “A ditadura na dramaturgia latino-americana”, coordenado pela professora Marina de Oliveira.

O projeto iniciou em junho de 2017, tendo eu ingressado na pesquisa cerca de um ano depois de seu início. A pesquisa se concentra no campo da dramaturgia e da história do teatro, tendo como objetivo a leitura e análise de peças latino-americanas: argentinas, brasileira, chilenas e uruguaias, que tematizam a ditadura militar. A leitura destas dramaturgias é uma forma de analisar como a ditadura é representada em cada um dos países. Algumas peças foram produzidas durante o regime militar, outras são contemporâneas e tematizam e recordam a época da ditadura. Todas elas, porém, são instrumentos para compreender esse período, e *historizar las memorias* (JELIN, 2002). O conceito de *historizar las memorias*, de Elisabeth Jelin, tem sentido de analisar o passado como algo ainda inacabado, que necessita ser refletido.

Este libro intenta contribuir a encontrar algunas herramientas para pensar y analizar las presencias y sentidos del pasado. [...] *historizar las memorias*, o sea, reconocer que existen cambios históricos en el sentido del pasado, así como en el lugar asignado a las memorias en diferentes sociedades, climas culturales, espacios de luchas políticas e ideológicas. (JELIN, 2002, p. 2)

Minha trajetória no projeto foi marcada por uma reflexão: a dramaturgia enquanto um instrumento de memória. Foi nisso que se baseou todo meu processo dentro do projeto, que resultou no meu tema de trabalho de conclusão de curso, onde analiso a representação da memória em duas dramaturgias: “Villa”, de Guillermo Calderón (Chile), e “A mulher que andava em círculos”, de Éder Rodrigues (Brasil).

Pensar na dramaturgia como um instrumento de memória, é admitir que nela estão embutidas lembranças ativas, como testemunhos, ou passivas, aquelas passadas de geração em geração, e estão embutidos também os sentimentos que essas memórias causam. Dessa forma, a escrita dramática é também uma maneira de *historizar las memorias* (JELIN, 2002).

2. METODOLOGIA

O projeto de pesquisa “A ditadura na dramaturgia latino-americana” tem por objetivo estudar a representação das ditaduras na América Latina, e reconhecer dentro das dramaturgias, através de análises e reflexões, as denúncias, a percepção coletiva e a história acerca deste período. O foco do projeto esteve nas



ditaduras do Brasil (1964 – 1985), Argentina (1976 – 1983), Chile (1973 – 1990) e Uruguai (1973 – 1985).

Durante a minha permanência no grupo, lemos e analisamos as dramaturgias brasileiras “Milagre na cela”, de Jorge Andrade, “Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela”, de Leilah Assumpção, “Abajur lilás”, de Plínio Marcos, “A prova de fogo”, de Consuelo de Castro; as dramaturgias argentinas “Potestad” e “El Señor Galindez”, ambas de Pavlovsky; as dramaturgias chilenas “Hechos consumados”, de Juan Radrigán, “Classe”, de Guillermo Calderón e “Deja que los perros ladren – nos tomamos la universidad”, de Sergio Vodanovic; e a dramaturgia uruguaia “Pedro y el capitán”, de Mario Benedetti.

Nos encontros, foram realizadas leituras dramáticas e leituras de textos teóricos que culminavam em uma discussão sobre a dramaturgia e o tema que ela retratava. O estudo teórico teve o apoio de autores como Elisabeth Jelin, Eduardo Galeano, Eurídice Figueiredo, Márcio Seligmann-Silva, Michel Pollak e outros. Os textos estudados geralmente estavam ligados à história destas ditaduras, e à memória, de forma a pensar na literatura como um arquivo das ditaduras militares latino-americanas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das análises que surgiram no projeto de pesquisa, comecei a entender a dramaturgia como um campo não só da literatura e do teatro, mas também da história.

Passei a ter uma outra visão sobre ela: a dramaturgia pode ser também um instrumento “historizador”, ou seja, além de ser um material criativo e artístico, ele é um arquivo histórico, que atua na preservação da memória.

Através da dramaturgia, podemos analisar, refletir e dar sentido a um determinado momento da sociedade. É uma forma de deixar registrado para as gerações futuras a história de um país, de uma forma muito sensível. A dramaturgia é uma arte capaz de expressar de diversas maneiras o acontecido. Seja ela através dos sentimentos afetivos do autor, ou de forma direta e objetiva acerca dos fatos ocorridos.

A memória é um objeto de estudo capaz de contribuir para a formação de identidade de uma sociedade. Ao estudar a história dessa sociedade, é que se entende sua cultura e seus traumas. E são também as memórias que possibilitam a criação de um sentido para o passado de determinada sociedade. Nas palavras de POLLAK (2006):

Es perfectamente posible que, por médio de la socialización política, o de la socialización histórica, ocurra un fenómeno de proyección o de identificación con determinado pasado, tan fuerte que podemos hablar de una memoria casi heredada. (POLLAK, 2006, p. 34)

Além disso, a memória é um campo de luta política. É preciso lutar para a preservação da memória, sobretudo das memórias das violências de ordem social, pois só preservando-as é que podemos evitar que novos traumas de larga escala se repitam. Nesse contexto, a memória deixa de ter um sentido pessoal, e passa a ter um sentido coletivo. Continuando o pensamento de POLLAK (2006):

A priori, la memoria parece ser un fenómeno individual, algo relativamente íntimo, propio de la persona. Pero



Maurice Halbwachs, en los años 1920-1930, ya había subrayado que la memoria debe ser entendida también, o sobre todo, como un fenómeno colectivo y social, o sea como un fenómeno construido colectivamente y sometido a fluctuaciones, transformaciones, mudanzas constantes. (POLLAK, 2006, p. 34)

Nesse sentido, a dramaturgia, seja ela biográfica ou ficcional, é um registro de um fluxo de pensamentos que contextualizam um determinado tempo e espaço. A dramaturgia é então, um instrumento de memória. É através da sua análise que podemos entender o que ela denuncia direta ou indiretamente. Podemos analisar o espaço, o tempo, os personagens, o contexto histórico do momento em que ela foi produzida. Não importa como essa análise é feita, ela poderá trazer reflexões históricas sobre um determinado período. A partir dessa análise, é possível se “elaborar os sentidos da memória”, como sugere Jelin.

Os estudos no projeto resultaram também, como já dito, no meu trabalho de conclusão de curso, ainda em processo, onde trago os conceitos de memória apresentados por Jelin, e analiso-os através de duas dramaturgias: “Villa”, do chileno Guillermo Calderón e “A mulher que andava em círculos”, do brasileiro Éder Rodrigues, traçando um paralelo entre as duas.

Em “Villa”, Guillermo apresenta a memória como uma questão física e espacial: a peça acontece durante a discussão de três mulheres que precisam decidir o que fazer com um dos centros de tortura e extermínio mais famosos da ditadura chilena comandada por Augusto Pinochet, a Villa Grimaldi.

Em “A mulher que andava em círculos”, Éder Rodrigues apresenta a memória de uma forma mais abstrata, trazendo reflexões de uma mulher em aparente devaneio. O texto conta com trechos de entrevistas dadas pelas *madres de la plaza de mayo*, na Argentina e também passagens de depoimentos de presas políticas no Brasil.

Em ambas dramaturgias, a memória é uma forma de resistência de um passado dolorido e injusto. A decisão por esse tema para o trabalho de conclusão de curso também passa pela necessidade de encontrar uma maneira de resistir à falta de políticas públicas e respeito pela memória.

4. CONCLUSÕES

A ditadura militar nos países da América Latina deixou muitas marcas em nossa sociedade. Marcas de repressão, tortura, desaparecimentos, mortes e questionamentos. Marcas muitas vezes doloridas e difíceis de serem recordadas.

A falta de políticas de memórias no Brasil, por exemplo, é o principal fator para que os brasileiros não conheçam e se reconheçam dentro de sua própria história. Pouco estudamos os momentos traumáticos da nossa sociedade nas escolas, e por vezes eles são abordados de forma romantizada, não representando de fato o que aconteceu.

Negar uma memória, tentar esquecê-la ou deturpá-la, é um passo para que os traumas inseridos na sociedade se repitam.

A dramaturgia, assim como outras formas de literatura e arte, é uma maneira de manter vivas as memórias que criam uma identidade nacional. Estudar e analisar um período histórico como o da ditadura militar nos países latino-americanos através de dramaturgias teatrais é uma maneira potente de se concretizar a ideia de manutenção da memória de um determinado período.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JELIN, Elisabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI de España, 2002.

POLLAK, Michael. **Memoria, olvido, silencio**: la producción social de identidades frente a situaciones límite. La Plata: Ediciones Al Margen, 2006.